

NO MEIO DO MAR, EM MEIO ÀS TERRAS: REPRESENTAÇÕES DA MIGRAÇÃO CONTEMPORÂNEA NOS FILMES *BEM-VINDO* E *TERRA FIRME*

IN THE MIDDLE OF THE SEA, IN THE MIDDLE OF THE LANDS:
REPRESENTATIONS OF CONTEMPORARY MIGRATION IN THE FILMS *BEM-
VINDO* AND *TERRA FIRME*

Stefania Chiarelli¹

RESUMO: O artigo investiga a questão das migrações contemporâneas a partir do espaço marítimo, problematizando a água como lugar segregado, em que alguns indivíduos estão autorizados a transitar e outros não. O deslocamento cada vez mais massivo de sujeitos no mundo de hoje e as barreiras por eles enfrentadas são analisadas a partir dos filmes *Bem-vindo* (França, 2009), de Philippe Lioret, e *Terra firme* (França/Itália, 2011), de Emanuele Crialese.

PALAVRAS-CHAVE: deslocamento; corpos migrantes; mar; cinema.

ABSTRACT: This paper investigates the issue of contemporary migrations based on maritime spaces, problematizing the water as segregated place, where some individuals are allowed to transit and others aren't. The increasingly massive displacement of people in today's world and the barriers they face are analyzed based on the movies *Bem-vindo* (France, 2009), by Philippe Lioret, and *Terraferma* (France/Italy, 2011), by Emanuele Crialese.

KEYWORDS: displacement, migration's bodies, the sea, movie.

¹ Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – Brasil. Realizou estágio pós-doutoral em Letras na Universidade Federal Fluminense – Brasil e na Università degli Studi di Roma La Sapienza – Itália. Professora Adjunta da Universidade Federal Fluminense – Brasil. ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0003-3747-144X>. E-mail: stefania.techima@uol.com.br.

No centro do Rio de Janeiro, espremida no meio da Avenida Passos, a igreja Nossa Senhora de Lampadosa pode ser vista do alto de uma peculiar trajetória. Cruzando tempos e espaços, suas paredes contam uma história muito antiga, cujo sentido hoje se potencializa. Devotos de Nossa Senhora de Lampadosa, egressos da ilha de Lampedusa, na Itália, fundaram no século XVIII na capital carioca uma irmandade. Eram escravos e trouxeram consigo uma imagem da Virgem Maria. Em 1748 decidiram edificar o templo, que foi demolido em 1930 e reconstruído em 1934. Quem visita o lugar em uma movimentada rua de comércio popular da cidade não imagina os significativos elos entre África, Itália e Brasil ali representados.

O trânsito desses indivíduos escravizados na Europa remonta à lógica da colonização, e a pequena ilha entre África e Itália parece estar conectada ao nosso país por meio de raízes históricas profundas. De lá partiram os viajantes rumo ao desconhecido - cruzam o oceano, mudam de língua, trocam de país. Mas nem tudo é novo: eles permanecem escravos. Lampedusa, de onde vieram sem possibilidade de arbitrar sobre seu destino, é na atualidade um dos símbolos que definem nosso tempo como o século das migrações em massa. O desejo agora é entrar na ilha. Para muitos, uma tarefa impossível.

Em julho de 2013 o Papa Francisco, na primeira viagem de seu pontificado, escolheu visitar essa localidade. Na ocasião, proferiu sermão evocando o que chamou de “globalização da indiferença”, referindo-se à dramática situação dos migrantes. A preocupação é legítima: ao contrário do acolhimento e do diálogo, em Lampedusa - assim como em Calais, no norte da França, e tantas outras fronteiras - é mais provável que o migrante encontre cães farejadores, sensores de temperatura corporal, arame farpado e um aparato policial gigantesco.

A importância do tema da migração exige do mundo contemporâneo um constante esforço de compreensão, pois o mar surge como epicentro desse

debate, que, se não é novo, atinge novas e alarmantes proporções. Recuperando as histórias de nações espoliadas economicamente, como pensar o significado de águas que não cessam de produzir novas narrativas, a nos contar de travessias épicas, de medo e de morte?

Atravessando os séculos, é possível pensar o oceano como espaço político de disputas e de grande simbologia. Sujeitos escravizados e marginalizados são aqueles que em geral protagonizam essas terríveis narrativas. Quem atravessa o mar, como, porquê, e, sobretudo, onde eles chegam - e se chegam. Trata-se de perguntas que inquietam e convidam a problematizar um debate incontornável da atualidade.

Para tanto, é preciso fixar o olhar sobre um desses lugares simbólicos, o Mediterrâneo, mar lendário e paisagem mítica, além de cenário de uma fantasia que inspira há séculos o imaginário ocidental: *mediterraneus*, “em meio às terras”, como evoca a origem latina de seu nome.

De acordo com Henry Laurens (2017), o epíteto de Mediterrâneo foi inventado no século XIX para se referir a uma área específica, a extensão de água entre os rios europeus, norte-africanos e asiáticos (LAURENS, p. 24). Portanto, é do cruzamento entre uma estratégia diplomático-militar e uma sábia iniciativa que nasce o nome, sustenta o historiador francês, que situa o ano de 1830 como decisivo para que o Mediterrâneo se torne um espaço geopolítico.

A importância do conceito de ligação entre Ocidente e Oriente, uma “ideia mediterrânica” reforça o traço de união implícito nessa perspectiva. A invenção do nome significa uma nova maneira de pensar, pois “(...) criar o substantivo de um adjetivo para falar de um espaço marítimo e de seus rios sublinha como os europeus veem e estabelecem de maneira diferente as relações com outras terras mediterrâneas”, (*idem*, p. 33). A uma postura de dominação se atrela a forma de designar os lugares.

Suas águas banham a Espanha, Croácia, Turquia, Síria, Israel, Palestina, Egito e Marrocos, entre muitos outros países. Por causa dessa posição, está vocacionado para o comércio — como para os gregos antigos e fenícios — mas também estimula a rivalidade entre os povos: o domínio dos territórios banhados por ele causou uma série de disputas históricas e muitas nações entraram em conflito embaladas pela miragem de se tornar potência marítima. Uma tensão constante entre a real possibilidade de encontro entre povos e culturas e por outro lado a ideia de dominação e reiterados massacres e guerras.

De forma específica, vale lembrar que para a Itália há um significado ainda mais peculiar. Ele era o *mare nostrum*, nosso mar, antiga designação em latim dada pelos romanos. O sentido de posse sempre definiu a relação com o Mediterrâneo, já que durante o Império os romanos ocuparam todas as regiões banhadas por ele², tendo o direito assegurado à força de deliberar sobre essas localidades.

A força desse poderio sempre esteve ligada ao meio aquático: os primeiros aquedutos de Roma datam de trezentos anos antes de Cristo. A relação da cidade com a água a levou no passado ao epíteto de *Regina aquarum*, em função da quantidade de artérias a irrigá-la: hoje não chegam mais à casa dos romanos, como no passado, mas ainda é possível se saciar nos bebedouros espalhados pelas ruas. As inesquecíveis fontes convivem de perto com os *nasonis*³, plasmando uma paisagem caracterizada pelo som dos sinos e pelo rumor das águas. Compartilhar essa experiência aquática é da ordem da vida pública, seja para o passante que precisa matar a sede, seja para o turista encantado pela beleza das incontáveis obras de arte a céu aberto, como a célebre *Fontana de Trevi*. Sorver a água dos bebedouros e apreciar a grandeza

² A expressão *mare nostrum* foi reapropriada no século XIX pelos nacionalistas no período da unificação e, posteriormente, por Benito Mussolini no delírio fascista de recriar a grandeza imperial - ele seria um “lago italiano”, nas palavras do ditador.

³ Típicos bebedouros romanos instalados nas ruas desde o final do século XIX, lembram o formato curvo de um nariz (*naso*), e podem ser encontrados em grande parte da cidade, oferecendo ininterruptamente água potável aos passantes.

de uma arquitetura marcada pela presença do elemento líquido não são ações limitadas ao espaço privado. A *pólis* permite a partilha. Água por todos os lados, para o corpo e para a alma.

No entanto, a generosidade dessa rainha das águas — e do Império — oferecendo de beber aos seus não se expande para a relação com o mar. A circulação e travessia do fatídico *mare nostrum* sempre demonstrou que a água não é para todos, e que sua divisão é comprometida por uma geopolítica excludente. Existe quem pode e existe quem não pode transitar por ele.

Hoje, para o migrante, cruzar o mar é miragem entremeada por inúmeros sacrifícios. Em uma perspectiva contemporânea, Michel Agier alude ao Mediterrâneo como teatro de acontecimentos (2018, p. 10), uma espécie de grande palco onde se chegou em 2015 a um limiar da consciência europeia sobre a questão da fronteira e das migrações. O antropólogo francês se refere ao ano do fechamento da rota dos Bálcãs, que agudizou a falta de acesso ao continente europeu: para curdos, sudaneses, eritreus, afegãos e iraquianos, entre outros, a única via possível para chegar passou a ser a da água⁴. Impossível esquecer o impacto da foto do menino sírio Aylan Kurdi, de três anos, morto por afogamento na praia de Bodrum, na Turquia, em 2015. Apesar da onda de comoção a favor da causa dos refugiados gerada pela imagem, o quadro desde então só vem se agravando.

Em um mundo globalizado, de intenso fluxo de mercadorias, sabe-se que as pessoas circulam cada vez menos livremente e a desigualdade dessa condição é alarmante. Para muitos, faltam as "chaves de papel", preciosa imagem criada por Alejo Carpentier (*apud* Padura, 2019, p. 185) para se referir às fronteiras burocráticas. Não à toa, uma das recorrentes narrativas da atualidade faz alusão ao ato de *fechar portas*. Sobre o assunto, Agier provoca: "nosso mundo é e será cada vez mais móvel e 'produzirá' cada vez mais estrangeiros" (Agier, 2018, p.

⁴ Quase dois milhões de migrantes chegaram à Europa pelo mar entre 2008 e 2016, de acordo com dados do ACNUR, o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados.

144). É preciso, de uma vez por todas, balizar a questão em outros termos, pois na base das migrações estão motivos econômicos e políticos. Migra quem precisa, se desloca quem passa por alguma situação insustentável. Encarar essas pessoas como culpadas em função de sua mobilidade seria uma visão no mínimo equivocada. E perigosa.

Na esteira do fechamento das referidas vias de acesso à Europa, o canal da Sicília passou a ser para muitos a chance única de acessar o continente. Uma entrada possível. No entanto, o mar disputado por tantos se associa no presente às imagens de sofrimento e de morte. O turista que se banha nas águas azuis de Lampedusa ou de Lesbos a bordo de um cruzeiro de luxo não pode esquecer que ali desembarcam (se conseguirem) botes abarrotados de gente em completo desespero. “Nunca mais o Mediterrâneo será como antes. Ninguém poderá cancelar o sepulcro dos clandestinos que o *mare nostrum* hospedou na sua profundidade”, afirma Donatella Di Cesare (2017, p. 117).

A filósofa italiana destaca que a primeira fronteira é a linguística: “os pronomes não são indiferentes” (*idem*, p.106), lembrando que o “nós” é a primeira forma gramatical da comunidade, que pode facilmente se blindar contra o “não-nós”. Uma gramática do ódio se instala, separando e hierarquizando. Não há lugar para todos, segundo essa lógica. Na base, presentes o medo de dividir o emprego, o pânico da criminalidade, a imagem da desordem. O estrangeiro é o inimigo da vez.

Nesse contexto, um curioso ressurgimento se produz no âmbito do próprio discurso: nosso país, nosso mar, *mare nostrum*. O lema presente no discurso xenofóbico na Itália de hoje incide justamente no *prima gli italiani* — primeiro nós, os italianos. Para Di Cesare, a demanda do terceiro milênio seria o *direito de migrar*, e mais do que nunca uma política de acolhimento deveria existir na Europa. É preciso lembrar que se passaram oitenta anos desde a promulgação da famigerada legislação racial italiana, o que gerou inúmeros debates em 2018 para se avaliar essa herança. Tributárias das leis de

Nuremberg decretadas pelo partido nazista em 1935 e importante passo para corroborar o crescente ódio contra os judeus na Alemanha e na Europa do entre guerras, essas normas vedavam a eles inúmeros direitos, definindo a cidadania a partir do critério do sangue, base do pensamento eugenista e antisemita. Ao refletir sobre a questão a partir do ponto de vista da filosofia da migração, Di Cesare (2017) alerta para o perigo de se atrelar a cidadania aos critérios do solo e do sangue. Afirma que ambos são mitos potentes, espectros que em nada auxiliam a superar o hiato criado entre o cidadão e o migrante. “Não podemos decidir com quem coabitar, isso é hitlerismo”, (Di Cesare, 2017, p. 254) sentencia.

De forma bastante evidente, percebe-se uma constelação semântica em torno do tema, entre acolhimento e rejeição. *Welcome*, dentro, fora, extracomunitários, *persona non grata*, indocumentados, *no borders*. Todo um léxico que não para de crescer.

Mas a resistência a tantos muros também chega pela palavra e pelas narrativas que construímos. São muitos os relatos a serem ouvidos e a arte vai simbolizar de distintas formas os dramas que se passam diante de nossos olhos, debaixo de nossas janelas, nas areias de nossas praias. Um dos caminhos é o cinema, linguagem que tem respondido de forma produtiva à questão dos deslocamentos e da presença da água como espaço decisivo desses trânsitos.

Muitas narrativas atravessam de cabeça erguida a delicada tarefa de retratar o drama migratório na atualidade. Ser porta-voz de uma causa não é garantia de uma experiência mais profunda acerca do assunto. Mesmo diante da urgência do tema, certos relatos revelam um pudor capaz de afastá-los do lugar comum. Preservam uma ambiguidade ao comunicar tamanho sofrimento, não insistindo na mera estetização dos fatos.

Para esta análise, destaco os filmes *Bem-vindo* (2009) de Philippe Lioret e *Terra firme* (2011) de Emanuele Crialese. Neles, a tematização do convívio

com aqueles que vêm de fora da comunidade e o encontro efetivo entre as partes, ainda que permeado por dificuldades cujo pêndulo oscila entre hostilidade e hospitalidade.

É o que surge como uma das questões abordadas em *Bem-vindo*. Após uma épica travessia de três meses a pé desde o Iraque, o jovem curdo Bilal (Firat Ayverdi) de dezessete anos, chega ao norte da França. Tendo gasto 500 euros para atravessar a fronteira francesa com a Inglaterra escondido em um caminhão, Bilal fracassa por não tolerar o uso do saco plástico na cabeça exigido pelos atravessadores para burlar os sensores da segurança – está traumatizado pelas torturas sofridas ao ser capturado no meio do caminho pelo exército turco. Imobilizado em Calais, decide vencer de outro modo as barreiras burocráticas que o impedem de chegar ao destino onde se encontra a namorada. Passa então a frequentar a piscina pública da cidade em que o personagem Simon, vivido por Vincent Lindon, ensina natação. A meta é cruzar a nado o canal da Mancha.

O filme retrata a dificuldade de um cidadão comum exercer um gesto de hospitalidade, na França. Prestar auxílio a uma pessoa em situação irregular é crime e o Estado se encarrega de punir quem transgride as regras, pois há inclusive um dispositivo que prevê sanções contra quem ajuda estrangeiros em condição ilegal, o denominado delito de solidariedade. Essa irônica expressão foi criada em 1995 por uma associação que milita em prol dos migrantes para se referir ao dispositivo que prevê sanções contra quem ajuda os estrangeiros em condição ilegal. Criminaliza-se, desse modo, o amparo, entendido não como defesa dos direitos humanos, mas apoio e estímulo a indivíduos fora da lei, destroçando “qualquer possibilidade de um amor pelo coletivo, e de um coletivo como amor”, sustenta a pesquisadora Marielle Macé (2018, p. 59).

À semelhança de muitos em igual condição, proibido de avançar e impossibilitado de retroceder, Bilal se encontra paralisado, transformando-se

no que Michel Agier chama de “homem (ou mulher)-fronteira”, vivendo na Selva de Calais⁵. Cada vez mais assistimos a episódios em que pessoas permanecem por tempo indefinido em uma espécie de limbo, em espaços necessariamente associados à passagem. A propósito disso, Agier indica uma hipertrofia da fronteira, chamando a atenção para o fato de que hoje essas situações se prolongam no tempo e no espaço: são inúmeros os bloqueios, as esperas e as proibições (2018, p. 131). Nesse cenário, o mar surge muitas vezes como lugar em que ainda é possível se aventurar, a imensidão das águas resistindo como símbolo de liberdade.

A beleza da narrativa reside na aposta da presença aquática. Quase um recém-nascido aprendendo a nadar, Bilal precisa ganhar corpo e coragem na piscina para enfrentar as gélidas águas da Mancha no inverno. Do lado de fora, a inóspita Calais avulta em tons cinzentos, banhada por uma melancólica chuva que nunca cessa. Vidas se cruzam nesse cenário e a perspectiva, sabemos, não é das melhores. O acolhimento será provisório, porque insustentável, e a partida deve acontecer. O título do filme aparece ironicamente impresso no capacho da porta da casa do vizinho, um delator que informa à polícia sobre a presença de migrantes no apartamento de Simon.

De modo geral, a despedida é evitada a todo custo pelo migrante, que se põe em marcha sem maiores rituais⁶. A urgência dita o passar do tempo e de súbito vemos Bilal nadando no oceano, o que confere a medida de sua pequenez diante da épica tarefa. Ele é um ponto minúsculo em meio às ondas, sua fragilidade evidente se comparada à força que o empurra para a clandestinidade. Respirar em meio às braçadas comparece como imagem

⁵ Símbolo da crise migratória na França, esse campo improvisado funcionou em condições altamente precárias entre 2002 e 2015 na cidade portuária, abrigando mais de 7 mil pessoas, até ser completamente desativado em 2016.

⁶ *Atlantique* (2019), de Mati Diop, retrata a trajetória de um jovem que parte do Senegal pelo mar em direção à Espanha, também encenando essa partida repentina. Não há despedida possível, e a própria travessia nunca é mostrada diretamente nesse filme de tons fantásticos, em que os migrantes aparecem como espíritos que voltam para reclamar seus direitos.

fundamental na narrativa: essa a grande lição de Simon ao ensinar o jovem a se movimentar na piscina – é preciso sorver o ar na hora certa, estabelecer ritmo, criar uma dinâmica entre corpo e água. Mas é também impossível fazê-lo dentro de um saco plástico, nos diz o filme. Vocacionado para a liberdade do ar puro, e não para a clausura, o indivíduo aqui reclama esse lugar, ainda que ciente do tamanho da tarefa. Respirar é se nutrir, trocar energia com o meio, expandir. Quem tem o poder insistirá no controle dos corpos e até do ar que se respira, seja o coioote que atravessa o migrante na fronteira, seja o torturador do exército turco, ou o Estado-nação que retira o oxigênio de quem ousa se deslocar. Aos migrantes, morte por sufocamento — no caminhão, nas ondas do mar ou na falta de documentos.

Afinal, não estamos todos no mesmo barco, conforme alerta a legenda da obra do artista de rua Banksy, feita em 2015 em Calais, que mostra refugiados amontoados em uma precária balsa⁷ acenando por socorro a um iate de luxo, conforme a imagem abaixo.

⁷ Nesse trabalho, Banksy propõe uma releitura da célebre tela “A balsa da Medusa” (1818), do pintor francês Théodore Géricault, que encena um terrível naufrágio ocorrido na costa africana.



Ainda em uma parede em frente à praia da cidade francesa e no mesmo ano, o britânico traz a imagem de uma criança ao lado de uma mala mirando o Canal da Mancha, com um telescópio em que se vê um abutre pousado. Os trabalhos evocam, além do oceano como barreira para muitos, a desigualdade de condições de quem transita pelas águas.



Na primeira obra, a perspectiva é a de quem está em alto mar, corpos considerados descartáveis justapostos a um ícone do turismo de massa: eles vêm o iate, mas estão separados por barreiras físicas e simbólicas. Na segunda, é também o olhar do protagonista, desta vez a partir da suposta terra firme. Naufrágio para uns, espera em lenta agonia para outros. A vulnerabilidade se encontra presente nesses dois extremos.

É o que avulta igualmente em *Terra firme*, narrativa centrada em uma pequena comunidade na ilha de Linosa, na Sicília. Seus habitantes se deparam com a difícil decisão de permanecerem fiéis aos antigos códigos da comunidade pesqueira ou aderirem às demandas de um mundo que gira em torno do capital. Os antigos barcos já não dão o lucro de outrora e o turismo surge como possível renda para a família de Ernesto, o patriarca de um clã de pescadores. Interpretado por Mimmo Cuticchio, o personagem é figurado como uma espécie de Netuno, o deus romano dos mares e oceanos, tanto na caracterização quanto

no vínculo profundo com a tradição. O mar é uma das ligações do filme de Crialese com a poética do neorealismo italiano, sobretudo *A terra treme* (1948), de Luchino Visconti, em que o diretor encenava a exploração dos pescadores no porto de Catania, na mesma Sicília.

Essa trama aborda uma nova opressão: Ernesto e o neto Filippo (Filippo Pucillo) encontram um bote repleto de naufragos africanos, dentre eles uma mulher grávida e seu filho. Prestam socorro e os levam para dentro de casa, onde ela dá à luz uma menina. No entanto, ao ajudá-los estão infringindo a lei e a repressão da polícia funciona como mais uma alegoria da grave situação envolvendo essa nova leva de indivíduos oprimidos.

São leis ancestrais que regulam os princípios de Ernesto e dos pescadores. “Meu pai me ensinou que é meu dever salvar vidas no mar. Mas hoje tenho de ensinar aos meus filhos que devem mudar o curso quando houver um homem negro afundando no mar”, sustenta um deles no momento em que a comunidade se reúne para discutir o posicionamento frente aos acontecimentos. As regras das águas e as regras da terra não coincidem mais. Juntos, decidem protestar e a delegacia local amanhece no dia seguinte tomada por uma densa camada de peixes.

“É natural que uma ilha seja acolhedora”, afirmou em entrevista a ex-prefeita de Lampedusa, Giuseppina Nicolini⁸. Essa máxima vem sendo recusada na atualidade, já que acolhimento e hospitalidade podem ser criminalizados. E muitos irão naufragar pelo caminho como “rastros líquidos das vidas perdidas no mar” (MACÉ, 2018, p. 58), à exemplo do que vemos nos filmes de Lioret e de Crialese. Este último cria uma potente imagem na cena de turistas rebolando embalados por uma música frenética sobre um iate, de onde irão mergulhar no

⁸ Entrevista ao site Correio Unesco. Prefeita entre 2012 e 2017, Nicolini enfrentou a grave situação na ilha de Lampedusa e recebeu um prêmio pela Unesco. Não foi, no entanto, reeleita, como provável consequência do apoio de parte expressiva da população italiana às medidas restritivas em relação aos migrantes, conforme referido anteriormente.

mar em que depois se vê o bote de migrantes implorando por socorro. As mesmas águas oferecem experiências absolutamente distintas para os indivíduos. Turistas e migrantes não estão no mesmo barco, como alerta Banksy.

Certo é que os muros e o mar nos afligem insistentemente. A passagem dos trinta anos da queda do muro de Berlim reacendeu essa discussão, trazendo a necessidade de admitirmos que eles vêm sendo construídos de forma vertiginosa no tempo presente. São novos, e são muitos. Significam o contrário da livre circulação. E o oceano, sinônimo de amplidão, se faz parede para inúmeros viajantes, como encenado nos filmes analisados, ou caminho novo para os mesmos antigos sofrimentos, como para os negros escravizados agarrados à estátua da santa católica. Lampedusa é aqui, porque está em toda parte.

Como então pensar esse lugar de quem assiste a todos esses terríveis naufrágios a partir de um posto supostamente seguro, da *terra firme*? A resposta não vem da retórica nostálgica do mítico *mare nostrum* perdido no tempo, o lugar paradisíaco do mel e das oliveiras que hoje se transforma em vala comum para muitos, e menos ainda do discurso ensandecido de fechar as portas dos continentes. Como alerta Walter Benjamin sobre a tempestade trazida pelo progresso, “é mais difícil honrar a memória daquele que não tem nome” (1987, p. 224). Se, mais do que nunca, água e poder seguem entrelaçados, é chegado o momento de acolher - e ecoar - a urgência dessas vozes e dar-lhes um nome. Muitas delas vêm do mar.

REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. *L'étranger qui vient* - repenser l'hospitalité. Paris: Seuil, 2018.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.

DI CESARE, Donatella. *Stranieri residenti - una filosofia della migrazione*. Torino: Bollati Boringhieri, 2017.

DUBOSC, Fabrice, EDRERS, Nijmi (org) *Piccolo lessico del grande esodo - ottanta lemmi per pensare la crisi migrante*. Roma: minimum fax, 2017.

LAURENS, Henry. L'invention de la Méditerranée. In: REY, Matthieu, LAURENS, Henry (org.) *Méditerranées politiques*. Paris: PUF, 2017.

MACÉ, Marielle. *Siderar, considerar: migrantes, formas de vida*. Trad. de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.

MARTIRANI, Maria Célia. O Mediterrâneo como rota de fuga no cinema e na literatura italiana contemporânea. *Revista Diálogos Mediterrâneos*, Número 4, Junho/2013, pp 75-87.

NICOLINI, Giuseppina. Entrevista ao site Correio Unesco, disponível em <https://pt.unesco.org/courier/julho-setembro-2017/giuseppina-nicolini-e-natural-que-uma-ilha-seja-acolhedora>. Acesso em 17 de fevereiro de 2020.

PADURA, Leonardo. A maldita circunstância de água por todo lado. MELLO, Patrícia Campos (et all) *Fronteiras: territórios da literatura e da geopolítica*. Porto Alegre: Dublinenses, 2019, pp 101-128.

FILMES

Bem-vindo. Philippe Lioret, França, 2009.

Terra firme. Emanuele Crialese, França/Itália, 2011.

Recebido em 12/03/2020. Aceito em 11/11/2020.